

O grupo como legado: homenagem a René Kaës

The Group as Legacy: A Tribute to René Kaës

El grupo como legado: homenaje a René Kaës

Leila Regina da Silva Teixeira¹ 

Legado que não se encerra com obras publicadas nem com um nome consagrado na história de uma disciplina. Heranças que permanecem e continuam a operar nos modos de pensar, de escutar, de transmitir. Autoria capaz de criar lugares psíquicos onde outros podem pensar (Kaës, 1997, 2005). Assim reconhecemos a nossa potente referência: René Kaës.

Este editorial nasce do reconhecimento de que os ensinamentos de René Kaës atravessam não apenas a psicanálise de grupo, mas o próprio modo como concebemos o vínculo, a transmissão e a responsabilidade ética do trabalho psíquico (Kaës, 2001, 2014). Abrindo este ano da Revista Vínculo, dedicamos este espaço à sua homenagem, reafirmando um compromisso: não transformar o legado de René Kaës em um monumento silencioso, mas cultivá-lo como um campo vivo de inspiração — para todos que escrevem, leem, pesquisam e compartilham pensamento com a revista, permitindo que suas ideias continuem a atravessar práticas, encontros e futuros possíveis.

É nesse fio tênue entre memória e presença, entre legado e invenção, que se revela a força do pensamento de Kaës. Ele não nos deixou apenas conceitos: legou gestos, ritmos, modos de escutar e de estar que atravessam o tempo, convidando-nos a habitar cada grupo com vida, ética e poesia (Kaës, 2011).

Seu trabalho não se limita a conceituar o grupo: ele o institui, o sustenta, o faz existir como espaço de palavra, de conflito, de memória e de transmissão. Em Kaës, o grupo não é cenário nem soma de indivíduos, mas um aparelho psíquico vivo, atravessado por heranças, pactos, silêncios, traumas e promessas (Kaës, 1997; Bion, 1961; Anzieu, 1984). Ler Kaës é sempre experimentar um duplo movimento: ao mesmo tempo em que ele nos convida à arqueologia — às camadas prévias, às heranças invisíveis, aos dispositivos que antecedem e sustentam o trabalho psíquico — ele nos conduz à gênese, ao momento inaugural em que algo novo pode nascer entre sujeitos (Kaës, 2005).

Seus dispositivos grupais não surgem do nada. Eles nascem de uma história tecida por experiências compartilhadas, de encontros que confiaram no grupo como espaço de formação e transformação. Ao longo desse percurso, práticas antigas se deslocam, se esvaziam de direções rígidas e se reorganizam em torno de um eixo sutil: a palavra que circula, que liga, que sustenta o comum e dá forma singular a cada sujeito (Bleger, 1967; Kaës, 1997). Em Kaës, esses vestígios não se repetem: se transformam. Ele nos lembra que criar um

¹Psicóloga, Psicanalista, Pesquisadora, Membro do NESME, Coeditora da Vínculo – Revista do NESME. Membro da equipe editorial da Revue française du CEAEDD. Correspondência: e-mail: publicações@nesme.org.br

²René Kaës (1936-2026), psicanalista francês, professor emérito de la Universidad Lumière Lyon 2. Autor de obras fundamentais para el psicoanálisis de grupo y las configuraciones vinculares, entre las que destacan: *El grupo y el sujeto del grupo* (1997), *Transmisión de la vida psíquica entre generaciones* (2001), *Los espacios psíquicos comunes y compartidos* (2005), *Un singular plural: A psicanálise à prova do grupo*, (2011) y *Las alianzas inconscientes* (2014).

Recebido em: 10/02/2026 | Aceito em: 15/02/2026

dispositivo é negar sem apagar, reinventar sem esquecer e permitir que o grupo, ao mesmo tempo, se encontre e se reinvente (Roussillon, 1991).

Nos grupos que descreve e conduz, o tempo se condensa. Seminários intensivos, encontros densos, experiências que não se estendem indefinidamente, mas deixam marcas que persistem. Existe aí uma ética silenciosa do trabalho psíquico: o grupo como espaço formativo, clínico e investigativo, onde a palavra — sempre ela — mantém o centro. É ela que institui o enquadre, que sustenta o jogo, que recolhe o vivido, que dá forma ao indizível e o transforma em figura possível (Bion, 1962; Kaës, 1997).

No psicodrama psicanalítico de grupo, a aposta se radicaliza. O corpo se faz presente, não para substituir a fala, mas para anunciá-la. A dramatização convoca o pré-consciente, mobiliza memórias, imagens e afetos ainda sem palavras. E então a fala retorna, recolhe, elabora, simboliza. A fala e o jogo seguem uma ordem delicada, tecendo a arquitetura do trabalho psíquico, especialmente quando o trauma ameaça romper os fios da representação (Moreno, 1993; Lebovici, 1970).

Kaës nos ensinou que o grupo é um lugar privilegiado para trabalhar aquilo que ainda não pôde ser dito, pensado ou sonhado. Que certos sofrimentos — individuais, institucionais, culturais — só se tornam tratáveis quando encontram um espaço comum e partilhado (Kaës, 2005; Pichon-Rivière, 1971). Seja nos grandes grupos, nos grupos interculturais, nos dispositivos institucionais ou nos grupos com objetos mediadores, há sempre a mesma preocupação ética: sustentar o processo, favorecer a elaboração, permitir que algo do irrepresentável encontre forma (Green, 1990; Kaës, 2014).

Talvez um dos maiores legados de René Kaës seja esta: ele formulou o conceito de aparelho psíquico grupal (APG), que funciona como operador de pensamento, aparelho comum ao sujeito e ao grupo, fazendo possíveis formações psíquicas que antecedem a posição subjetiva do pensar. O APG condensa as dimensões psíquicas grupais e as socioculturais em cada um e no grupo. Há pactos inconscientes que nos precedem, alianças silenciosas que nos ligam, negatividades transmitidas que exigem trabalho (Kaës, 2014; Abraham & Torok, 1978; Puget, 2005). E que a psicanálise, ao se deixar interpelar pelos dispositivos grupais, amplia seu campo sem perder sua rigorosa fidelidade à palavra (Kaës, 1997).

Kaës nos deixou dispositivos. Mas, sobretudo, nos deixou uma ética: a de sustentar espaços onde o vínculo possa ser pensado — mesmo quando dói, mesmo quando falha, mesmo quando carrega o peso da história (Kaës, 2011; Ricoeur, 2000).

Esse é um legado que não se encerra. Ela continua em cada vida, se multiplica em cada novo grupo e se reatualiza através da palavra que tece novos modos de existência (Levinas, 1988).

Na Vínculo, revista que nasce do compromisso com as configurações vinculares, com o grupo, com a transmissão e com o pensamento coletivo, homenagear René Kaës é reconhecer uma filiação. É afirmar que seguimos acreditando no grupo como lugar de elaboração do sofrimento, de produção de saber e de invenção de futuros possíveis (Kaës, 2005).

Nesse movimento, a partir do que nos vincula e reconhecendo nossa filiação, dirigimos um convite especial a vocês — pesquisadores, clínicos e docentes — para que, por meio da submissão de artigos, ensaios, relatos de experiência e revisões, possamos juntos sustentar e nutrir saberes que dialoguem com o legado de René Kaës e com os temas centrais da psicanálise vincular: grupos, famílias, casais, instituições, transmissão psíquica, alianças inconscientes e configurações vinculares. A Vínculo permanece implicada em acolher e divulgar trabalhos que aprofundem, questionem e façam proliferar o conhecimento, mantendo viva — no movimento da escrita e da transmissão — o legado que Kaës nos confiou.

Referências

- Abraham, N., & Torok, M. (1978). *A casca e o núcleo*. Escuta
- Anzieu, D. (1984). *O grupo e o inconsciente: O imaginário grupal*. Casa do Psicólogo.

- Bion, W. R. (1961). *Experiences in groups and other papers*. Tavistock Publications.
- Bion, W. R. (1962). *Learning from experience*. Heinemann.
- Bleger, J. (1967). *Psicoanálise do enquadre psicanalítico*. Artes Médicas.
- Green, A. (1990). *A loucura privada: Psicanálise dos casos limites*. Escuta.
- Kaës, R. (1997). *O grupo e o sujeito do grupo: Elementos para uma teoria psicanalítica do grupo*. Casa do Psicólogo.
- Kaës, R. (2001). *Transmissão da vida psíquica entre gerações*. Casa do Psicólogo.
- Kaës, R. (2005). *Os espaços psíquicos comuns e partilhados*. Casa do Psicólogo.
- Kaës, R. (2011). *Um singular plural: A psicanálise à prova do grupo*. Loyola.
- Kaës, R. (2014). *As alianças inconscientes*. Ideias & Letras.
- Lebovici, S. (1970). *O psicodrama psicanalítico*. Presses Universitaires de France.
- Levinas, E. (1988). *Totalidade e infinito: Ensaio sobre a exterioridade* (J. P. Ribeiro, Trad.). Edições 70
- Moreno, J. L. (1993). *Psicodrama* (Vol. 1). Cultrix. (Original publicado em 1946)
- Pichon-Rivière, E. (1971). *O processo grupal: Da psicanálise à psicologia social*. Martins Fontes.
- Puget, J. (2005). *Subjetividade e vínculos: Abordagens psicanalíticas*. Casa do Psicólogo.
- Ricoeur, P. (2000). *A memória, a história, o esquecimento*. Editora Unicamp.
- Roussillon, R. (1991). *Paradoxos e situações-limite da psicanálise*. Escuta.